

EDR 7-1



Thaís e Bernardino José, filhinhos do sr. Italo Lazzeri

**ANNO I — N.º 1**

REDACTOR:  
*Hildebrando Siqueira*  
DIRECTOR-PROPRIETARIO:  
*Antonio Rosa*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. FERREIRA PENTEADO, 220

# GUNETTA

EDIÇÃO BI-MENSAL

11 de Outubro de 1925

ASSIGNATURAS:  
Anno 15\$000  
Semestre 4\$000

NUMERO AVULSO 800 RS.

# João Jorge, Figueiredo & C.<sup>ia</sup>

IMPORTADORES E COMMISSARIOS

## MATRIZ EM S. PAULO :

ESCRITORIO : Travessa do Grande Hotel N. 12  
Caixa Postal, 33 - Telephone Central, 3837

### ARMAZENS :

Rua Domingos de Paiva, 40, 42 e 46  
Rua Martim Buchard, 45  
Telephone, BRAZ, 879

## FILIAL EM CAMPINAS :

Escritorio e Armazem :  
Rua Ferreira Pentead, 250  
CAIXA POSTAL, 69  
TELEPHONE, 165

### SECÇÃO INDUSTRIAL :

Bairro do Bomfim

## FILIAL EM SANTOS :

Rua Visconde do Rio Branco Ns. 2 e 4  
CAIXA POSTAL, 29  
TELEPHONE, 92

### SECÇÃO DE SAL :

Villa Industrial

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A MATRIZ

## COMMERCIO DE CAFÉ EM SANTOS

Unicos importadores para o Estado de São Paulo e Sul de Minas do inequalavel ingrediente para a extincção das saugas o Formicida Pestana e dos excelentes vinhos do Porto S. João e Cruz de Malta e dos vinhos de meza LUSO.

### SECÇÃO DE REPRESENTAÇÕES :

Representantes das afamadas marcas de automoveis Locomobile, Mercer e Hupmobil e dos auto caminhões Paulista.

### SECÇÃO INDUSTRIAL : — Bairro do Bomfim, Campinas

Para o fabrico de Pregos, Sabão e Moagem de Sal em grande escala.

### SECÇÃO DE SEGUROS :

Sub-Agentes em Campinas da COMPANHIA DE SEGUROS «GUARDIAN».

Annexo aos seus escriptorios funciona o BANCO CAMPINEIRO, que emitta saques sobre Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, pela melhor taxa do dia

# "LUNETTA"

REVISTA DE ARTE, LETRAS, SOCIEDADE E BOM HUMOR

Redacção e Administração: Rua F. Penteado, 220

CAMPINAS

Redactor: Hildebrando Siqueira — Director proprietario: Antonio Rosa

Assignaturas: ANNO - 15\$000 — TRIMESTRE 4\$000

O Snr. \_\_\_\_\_ residente  
em \_\_\_\_\_ a Rua \_\_\_\_\_ N. \_\_\_\_\_  
deseja tomar uma assignatura de

\_\_\_\_\_ Anno (24 numeros) \_\_\_\_\_ \$

\_\_\_\_\_ Trimestre (6 numeros) \_\_\_\_\_ \$

As pessoas que desejarem receber "Luneta" regularmente deverão preencher este impresso e devovel-o, acompanhado da respectiva importancia, á redacção.



LETRAS — ARTES — SOCIEDADE  
BOM HUMOR

Redacção e Administração: Rua Ferreira Penteado N. 220 — CAMPINAS

Redactor — HILDEBRANDO SIQUEIRA

Propriedade de ANTONIO ROSA

ANNO I

CAMPINAS, 11 DE OUTUBRO DE 1925

NUM. 1



“LUNETA” não traz programma.

O que “Luneta” quer é merecer sempre o sorriso bom de todas as mulheres e um olhar de atenção e intelligencia da maioria dos homens. Para isso, “Luneta” evitará as attitudes impertinentes e a intolerancia partidaria. Em suas paginas terão franco e leal abrigo todas as manifestações de talento. Sua vida será sempre guiada por uma immensa sympathia humana. E, dentro do seu inalteravel bom humor, procurará “Luneta” conservar uma grande serenidade, para poder dar aos bons, o seu applauso carinhoso; aos que começam cheios de ideaes, o seu estimulo sincero; e aos máos, a sua piedosa indiferença.

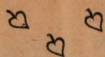
. . . . .

O sorriso bom de todas as mulheres... Um olhar de atenção e intelligencia da maioria dos homens...

Ahi está tudo o que “Luneta” quer.

H.

## PRIMAVERA



A primavera ahi está, contaram-me, baixinho, as rosas do meu jardim e o ipê florido do meu quintal. E eu comecei a reparar... As tardes caem de um céu muito azul. Os poentes são mansos, As vozes das mulheres e dos passaros têm um encanto moço. E as noites vêem carregadas de estrellas e espalham sobre as casas da cidade a claridade nóva de um luar alegre...

E' verdade : a primavera ahi está. Não me enganaram as rosas do meu jardim e o ipê florido do meu quintal. A primavera ahi está. Eu bem a vejo na claridade nóva deste luar alegre e nos vestidos cada vez mais curtos das mulheres lindas que passam pela minha calçada...

Deliciosa primavera !

Que bom, viver !

HILDEBRANDO SIQUEIRA.

## SUAVE COLHEITA

Quem conhece o solo e o sub-solo da vida, sabe muito bem que um trecho de muro, um banco, um tapete, um guarda-chuva, são ricos de ideias ou de sentimentos, quando nós também o somos, e que as reflexões de parceria entre os homens e as cousas compõem um dos mais interessantes phenomenos da terra. A expressão : " Conversar com os seus botões ", parecendo simples metaphora, é phrase de sentido real e directo. Os botões operam synchronicamente comnosco ; formam uma especie de senado, commodo e barato, que vota sempre as nossas moções. — *Machado de Assis.*

\* \* \*

Nous appelons dangereux ceux qui ont l'esprit fait autrement que le nôtre et immoraux ceux qui n'ont point notre morale. Nous appelons sceptiques ceux qui n'ont point nos propres illusions, sans même nous inquiéter s'ils en ont d'autres. — *Anatole France.*

\* \* \*

O passado é uma ficção. Nós o criamos, interpretamos, o deformamos. Não tem rea-

lidade objectiva. A sua existencia e a sua persistencia são inteiramente subjectivas. Sob este angulo relativo e realista, o passado não existe livremente. E' uma suggestão do terror. Como funcção social é a somma de deuses, de monstros, de fetiches, que se disfarçam em regras, methodos, grammaticas para nos governar e nos limitar. O passado é o pavor, que perdura em cada um de nós. Se pudessemos dominá-lo, vencê-lo em nosso espirito, contemplá-lo com alma de vencedor, situá-lo com justa, saberíamos extrair das suas expressões o encanto e a licção. A nossa vida existe verdadeiramente no excedente da herança que recebemos. O que vivemos do passado não é nosso, não somos nós. A nossa vida começa exactamente no ponto, em que se inicia a nossa libertação, ou já no esforço que fazemos para nos libertar das nossas heranças espirituales. Só dahi em diante começamos a viver a nossa personalidade. Aquelle que não tem forças para essa libertação, para crear a sua vida, e fazer della uma força nova, esse na sua humilde submissão não é um homem vivo. E' o espectro do passado. — *Graça Aranha.*

\* \* \*

Dans une petite ville tout est petit... sauf les pretentions qui sont grandes et les langues qui sont longues. — *Remy Montalée.*

\* \* \*

E' inutil procurar peixes no alto duma arvore. — *Pensamento chinez.*

\* \* \*

A ociosidade é a mãe de todos os vicios, mas o vicio é o pae de todas as artes. — *Paul Morand.*

\* \* \*

Conforme a Biblia, a mulher foi a ultima coisa que Deus fez. Devia tê-la feito ao sabbado. Conhece-se a fadiga. — *Dumas Filho.*

\* \* \*

O que sentimos, o que dizemos, outros sentiram, outros disséram. Não te magões por isso. O perfume das rosas volta em todas as rosas, e vê como o nosso jardim é lindo... — *Alvaro Moreyra.*

\* \* \*

As mulheres lindas são as illusões dos cemiterios ; as mulheres feias são os cemiterios das illusões. — *Francisco Lagréca.*

\* \* \*

Não creias nos resignados : as grandes angustias não amam platéas. — *Deabreu.*

# A COMÉDIA DO DIA

*A tarde vae ficar.  
O dia vae partir,  
tendo na face rubra uns rabiscos de luar...  
Não sei si devo rir ou si devo chorar.*

*A tarde muito branca  
e o dia vestido de côres  
lembram, num grande abraço,  
na porta do poente,  
cahidos no espaço,  
uma mulher muito doente  
e um palhaço...*

*Então, o dia  
palhaço de gola immensa,  
por entre nuvens cor de vinho ou de champanha,  
chora uma lagrima estranha,  
que fica suspensa, enorme,  
como uma bola vermelha  
sobre a montanha.*

\* \* \*

*Ha nisso tudo  
qualquer cousa de humano.  
Um grillo faz um rumor de carretilha  
e a noite cáe pesadamente sobre a terra  
como um panno!*

Cassiano Ricardo

Para "Luneta"



## SHIMMY

Os velhos têm, sempre, o máo costume de recriminar tudo que é moderno, para decantar o que já passou.

Hoje em dia, para elles, não ha caracter, não ha moral, não ha pudor. Está tudo errado.

Ora, essa mania, a que nenhum ancião escapa, não tem, positivamente, razão de ser, ou, melhor, si quizerem, tem toda a razão. Por que afinal os que já passaram pela vida têm, na verdade, o direito de achar optima e inegualavel a época de sua mocidade. Nós, com certeza, faremos o mesmo.

Quanto á moral, por exemplo, ( não cançamos de o dizer ) não tem razão nem a querida avósinha, nem o bom avô : antigamente não havia tanto escrupulo como elles nos contam nas suas reminiscencias. Permittam que lhes opponha o meu não apoiado. Não havia. Muito antes até pelo contrario — como diria certo chronista de um trefego vespertino.

E' sabido de todo o mundo o que occorria em Portugal nos séculos XVII e XVIII, culminando, então, a immoralidade nos palacios dos reis e até nos recintos onde deviam sómente pontificar os santos...

Aqui, no Brasil, não foram menos sensacionaes os escandalos da nobreza.

A sra. marquezia de Santos ahi está, relembhada agóra pela penna brilhante do sr. Paulo Setubal.

Com a installação, na mui leal e heroica cidade de Rio de Janeiro, da còrte de d. João VI, muito perderam a moral e a estabilidade do lar.

O dinheiro, o luxo, os prazeres, cousas que os provincianos conheciam parcamente, tiveram, a esse tempo, o seu imperio, decidido e absoluto.

O desrespeito, os desregramentos, o regimen da licença fizeram praça na linda bahia, escolhida pelo gelatinoso e vasio monarcha para capital do novo reino.

De uma feita — assim reza a historia — occorreu com notavel cientista, lente da novel Escola de Medicina e Cirurgia, um factio, ao mesmo tempo, profundo e pittoresco :

Faltando, certa vez, a uma das suas aulas, logo no dia seguinte, o eminente professor, subindo á cathedra, explicou, antes que tudo, aos alumnos o motivo da ausencia : — Faltei hontem, meus senhores, porque estive enferma a nossa esposa...

O espirito e o sangue frio da época ! !...

H. DE SYLOS.

## Estilhaços inoffensivos

— Sonhei esta noite contigo.  
— Bem feito...

\* \* \*

— Aquella menina se chama Pureza.  
— Pobrezinha...

\* \* \*

O maior peccado de quem pecca é não ter peccado antes...

\* \* \*

Julio Dantas é o poeta do amor. E é por isso que os seus livros novos são repetições dos seus velhos livros...

\* \* \*

Machado de Assis e Coelho Netto. O primeiro é gelo. O outro é fogo. Concòrdo. O fogo queima e desaparece. O gelo conserva as coisas...

\* \* \*

As lagrimas symbolizam alegrias e pezares : como as obras de um artista, por exemplo...

GINO MORIS.

—●—

MONTEIRO Lobato está de malas promptas. Muda-se para o Rio. Vae continuar por lá a vida cheia de actividade que viveu aqui. E, naturalmente, vae espantar a calaçaria da Avenida com seu trabalho de formiga. Formiga enxertada em cigarra.

Foi em São Paulo, numa tarde sem còr, que eu soube dessa resolução do auctor da "Tragedia de um capão de pintos". Visitava-o. Falava-se de tudo. E como se falasse de tudo, falou-se disso tambem. Perguntei então :

— E a "Revista do Brasil" está suspensa ?

— Tal qual a nossa Constituição, respondeu Lobato, sorrindo.

E a palestra bem humorada, sem outra intenção, durou mais uma meia hora. Ao despedir-me, num abraço carinhoso Lobato fez esta prophecia amavel :

— Desejo que "Luneta" seja em breve uns lindos óculos, uns óculos de aro de oiro.



# PREDESTINAÇÃO

DOS "POEMAS DA MINHA TERNURA"

PORQUE TEUS OLHOS SÃO VERDES ?  
PORQUE TEU CORPO É TÃO MELODIOSO ?  
PORQUE TUAS MÃOS SÃO TÃO LONGAS ?  
COMO É QUE SOUBESTE  
QUE EU AMAVA OS OLHOS VERDES,  
O CORPO MELODIOSO  
E AS MÃOS LONGAS ?

MENOTTI DEL PICCHIA

(INÉDITO)



Há uma vaga na Academia Brasileira sorrindo aos políticos governistas e aos médicos illustres, como uma tentação estupenda. No entanto, como seria lindo eleger-se para ella um escriptor de verdade que continuasse a bella obra de Lisbôa, de Verissimo, de Alberto Faria! Seria lindo, por certo, mas não seria commodo. E essas questões de belleza foram banidas do convívio humano. Não rendem. Hoje, com bastante razão, aspira-se a uma vidinha pacata e quasi honesta sob a protecção vitalicia de umas mãos officiaes...

to a pensar na decadencia barulhenta da época do Ford, do jazz-band e dos cabellos curtos... e no advento risonho desta nóva éra, onde imperam o café expresso, os recitales de declamação e os enigmas das palavras cruzadas...

\* \* \*

Derrubam-se as arvores e institue-se o dia da arvore. Em pleno estado de sitio, commemora-se o dia da independencia. Ao lado da lei da imprensa crea-se o dia do jornalista. Só falta, agóra, nesta época de pouco juizo, que Deus nos mande o dia do juizo...

### De Hildebrando Siqueira

Um casal de andorinhas passa pela minha janella, nesta segunda-feira amavel de 1925. Contemplo-o, alguns instantes. Depois, volto a pensar, uns pensamentos pacatos. Vol-

A' imprensa campineira, tão bellamente representada pela "Gazeta de Campinas", e "Diario do Povo" — "Luneta" carinhosamente traz a sua homenagem affectuosa, procurando assim manter com ella uma vida de solidariedade e sympathia.

## CLUB SEMANAL DE CULTURA ARTISTICA



Festa realizada no dia 7 de Setembro

## O CIUME

Para "LUNETTA"

— O ciume não passa de uma explosão brutal de grosseria soez, sem o minimo resultado pratico.

— Ha quem assegure ser essa a melhor prova de amor.

— Ora, que bella prova! Se, por vezes, elle desperta idéas criminosas nos entes queridos e, muitas vezes, serve de incentivo a infidelidades, até então, não sonhadas! O ciume não é uma defesa da integridade conjugal, nem fortalece os fluidos amorosos. Além disso, o ente divisado como perigoso, e que desperta as inquietações dos maridos zelosos, quasi nunca é o alvo que deve ser visado.

— Não comprehendo.

— A longa escravidão em que a mulher é mantida despertou-lhe varios sentidos apuradissimos, e pouco desenvolvidos no sexo dominador, taes como a astucia, a dissimulação, etc. Ainda, ha dias, assisti a uma scena bastante edificante e que é a confirmação do que acabo de affirmar. Tenho um amigo que é o ciume personificado, desses que desconfiam da propria sombra. Vocês todos o conhecem, é o Ambrosio da Silva.

— Ah! o Ambrosio, mas esse...

— Vi-o na semana passada, em companhia da esposa, assistindo a um espectáculo no Sant'Anna. Estavam numa friza proxima ao palco. No primeiro intervallo fui cumprimental-os. Como ella estava linda!

— E' o seu estado normal. Linda e...

— Exactamente. Pois bem, mal soaram os tympanos, chamando os espectadores a postos, entrou, solemne e vistoso, pela sala o bello e elegante Edgard, attrahindo a attenção do sexo fraco, que lhe prestava, como sempre acontece, muda e expressiva homenagem.

— E' realmente o que se pode chamar de homem bonito.

— Bello e venturoso nos amores ao que se diz. A senhora do Ambrosio quasi o comeu com os olhos.

— E elle?

— Quem, o Ambrosio?

— Não, o bello Edgard.

— Discreto e cavalheiro retribuiu a homenagem sem exaggeros ridiculos nem exhibições grosseiras. Foi de uma linha impecavel. Mas, o Ambrosio percebeu tudo e fez immediatamente uma scena violenta com a mulher, sahindo do theatro, com ella, antes mesmo que o panno subisse.

— Censuras o procedimento de Ambrosio?

— Está visto que sim.

— Mas, vamos e venhamos, ella excedeu-se na sua admiração, talvez platonica, admitto, pelo Edgard e, isso, não fica bem a uma senhora honesta ou que pretende passar por tal. Essas attitudes compromettem e, um marido que zela pela sua honra, não pode nem deve ficar impassivel. E o Edgard é tido como conquistador perigoso.

— Os entes nas condições de Edgard são os mais inoffensivos, os menos temiveis.

— Inoffensivo?

— Sim e é facil comprehender isso. Sendo elles assediados pelas mulheres ficam logo conhecidos, são vigiados pelas proprias interessadas em conquistar-lhes as graças, enchem-se de vaidades que prejudicam o instincto de caça innato ao homem.

— Quer dizer que o Edgard não passa de um espantalho.

— Na realidade é isso.

— Mas que relação existe entre o vulgarissimo incidente que acaba de contar-nos e a sua opinião sobre o ciume?

— E' só applicar *el cuento*. Apesar da senhora Ambrosio ter demonstrado aquella admiração sem limites pelo bello Edgard, ella estava de namoro ferrado com um cavalheiro gordanchudo que, segundo affirmam os filhos da Candinha, é o actual socio do marido. E o ciumento Ambrosio nada percebeu até hoje.

— Aquella demonstração foi apenas para mascarar os seus amores burguezes?

— Não sei. Quem sabe se, não conseguindo obter o ideal sonhado, se contentou com o primeiro atrevido que appareceu? Seja lá como for, que adiantou a scena de ciumes do Ambrosio? Elle, cego de odio, defende

# MEU PAIZ

Patria maravilhosa, meu Brasil!  
Terra... Bemdito quem a viu, surpêsa!  
pela primeira vez, toda nudeza,  
numa alvorada esplendida de abril...

Reinado da alegria e da belleza,  
gigante vigoroso mas gentil,  
eleito para a musica febril,  
para as festas de luz da natureza!

Num arrebol de perolas e de ouro,  
ah! se eu morrer, como hei de ser feliz!  
ao choro dos regatos, leve choro,

entre arvores de fulgido matiz,  
emquanto, os sabiás cantam em côro,  
sob o céu sempre azul do meu paiz...



PARA "LUNETTA"



HELI MENEGALE



a mulher contra o Edgard enquanto é outra a capivara devastadora da roça. E' por essas e outras que eu cheguei á conclusão de que o ciume é um tormento inutil. E' justissimo que um marido zele pela sua honra conjugal mas, de olhos abertos, com calma e sem espalhafatos contraproducentes e até offensivos.

— E' um modo de ver.

MELLO NOGUEIRA.

## A SOCIEDADE

FEZ annos a 21 de setembro o sr. Raphael Duarte, politico de raros meritos e distincto homem de letras. "Luneta" o felicita.

O fino poeta Heli Menegale contractou casamento com a distincta senhorinha Odette Régnier, um dos bellos ornamentos da sociedade de Passa Quatro. Vão aqui, com muito respeito, as felicitações de "Luneta",

FEZ annos a 7 do corrente a senhorinha Inês Monteiro de Carvalho e Silva, talentosa alumna da nossa Escola Normal.

A anniversariante, que gosa de grande estima, recebeu por esse motivo muitos cumprimentos de suas colleguinhas, aos quaes, gostosamente, "Luneta" junta os seus.

NO Rio, onde ultimamente residia, falleceu no principio do mez passado, Alberto Faria. Grande talento, grande alma! Embora não sendo filho de Campinas, era Alberto Faria campineiro pela formação. Foi aqui, nessas tendas de trabalho árduo e desconhecido que são as redacções dos jornaes, que o erudito escriptor alcançou, com muita justiça, a maioria dos triumphos que o levaram á brilhante posição literaria em que se encontrava quando a morte chegou.

DE CAMMERSON

A realidade é o peixe, a poesia, a isca,

## TUNA ACADEMICA DE COIMBRA

Passaram por aqui, numa revoada de risos e de festas, os rapazes de Coimbra.

Guitarras em punho, capas negras ao vento, fados bailando no ar...

E a nossa terra moça e a nossa gente emotiva reviveram, carinhosas, as velhas coisas e a velha gente da cidade universitaria onde os choupos soluçam ao luar, embalados pelas cantigas do Hilario.

E a nossa alma teve saudade de um tempo que não conheceu e que, no entanto, vive cantando dentro della o poema sentimental e heroico da Raça.

A' guisa de curiosidade, trasladamos para esta columna, uma critica do escriptor portuguez José Agostinho, a um livro de versos publicado por estudantes de Coimbra. Ei-la :

"Foi-nos ha dias enviado pelo IV anno médico da Universidade de Coimbra um volume pitoresco e

excelentemente impresso, em cujo rosto encontrámos um bilhete resando assim :

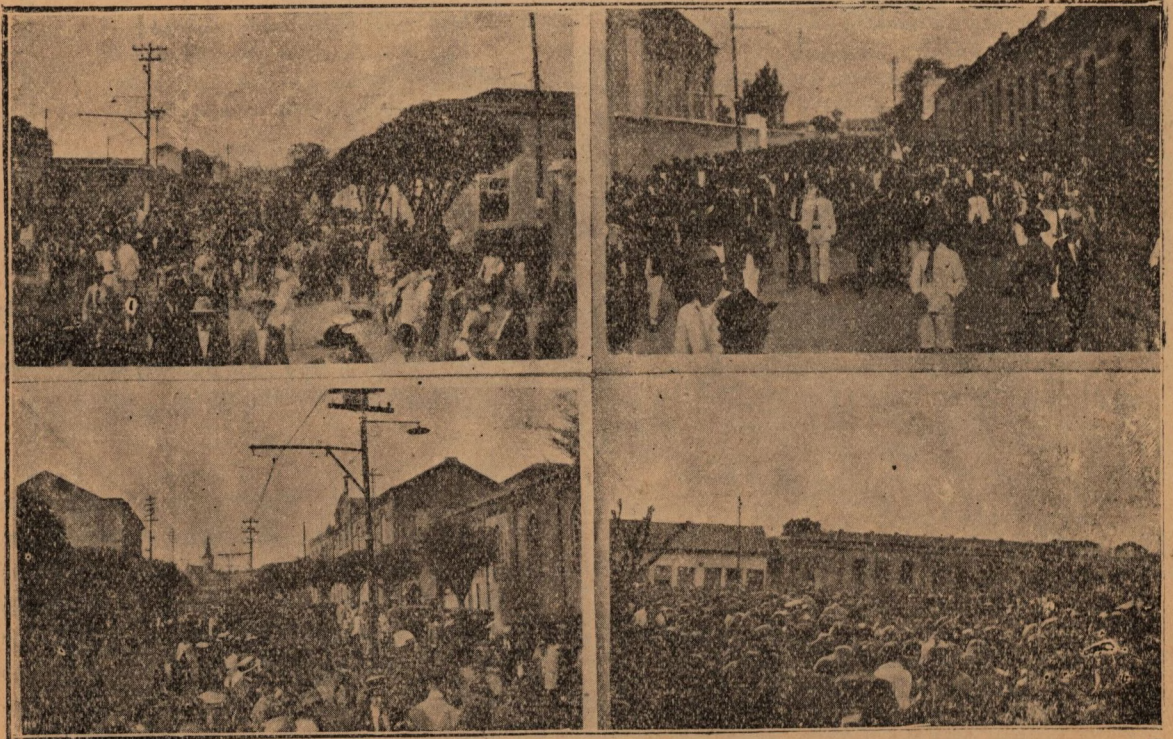
Pedimos muitas desculpas  
Da enorme e grande culpa  
De lhe mandarmos só um ;  
Mas não há mais cá na casa,  
Bateram todos a áza,  
Já cá não temos nenhum !

E é esta uma razão,  
Que confrange o coração  
De nós todos. Mas pedimos  
Para que uma referencia  
Seja feita ; tal deferencia  
Muito e muito *agradecemos*.

NOTA — Vai em cima *agradecemos*  
E não vai *agradecemos*,  
Porque por mais que *pensimos*  
P'ra aquilo rima não temos.

Após a leitura desta espirituosa missiva, depara-se-nos na primeira pagina a dedicatória seguinte :

*A's nossas noivas... passadas, presentes e futuras.*



Aspectos da chegada da Tuna Academica de Coimbra em Campinas

São ao todo 81 paginas, dedicadas a cada um dos futuros médicos. Uma caricatura ao alto e, por baixo, algumas produções poéticas bastante felizes. Os desenhos, do sr. Alberto Costa, são excellentes; o mesmo se podendo dizer dos versos da autoria dos srs. Adriano Chuquere, Alberto Costa, Fernando Dias de Souza, Francisco Malheiro, Joaquim Henrique, José S. Malaquias, José Crespo e Manuel Gomes de Almeida.

Estes futuros doutores demonstraram-nos não serem as musas incompatíveis com as medicinas, embora a mesma harmonia nem sempre possa reconhecer-se entre a anatomia e a estilística. Ligeira discordancia, aliás largamente compensada pela exuberancia do espirito folgazão que a cidade do Mondego comunica a quantos dela se aproximam.

O preambulo seguinte, que extratamos do volume em questão, dá bem a idéia daquilo que acabamos de afirmar:

SENHORAS E SENHORES:

Somos oitenta, pouco mais ou menos,  
 Todos doutores,  
 Quasi a valer.  
 Mas lá por isso não haja empenos...  
 Somos oitenta, pouco mais ou menos...  
 Meninas novas! — Podem escolher!...

Há para todo o paladar,  
 E' só pedir alto e bom som;  
 Donzelas de olhos verde-mar!...  
 A's vezes vale mais um olhar  
 Que uma injeção de *Pantopon*...

Para calmar o coração  
 Que bate histérico, apressado,  
 Dá quasi sempre um bom resultadão  
*Digitálico* "flirt" canforado  
 Com *strofántica*, idilica paixão.

Pois entre nós tendes de tudo;  
 — O que há de bom... urge dizer —  
 Há-os de aspecto grave e sisúdo,  
 Há-os alegres a mais não ser.

Há-os ricaços, endinheirados,  
 Com automoveis, com aviões,  
 Há-os pelintras e depenados,  
 Podeis virá-los, pobres, coitados,  
 Que não lhes caem nem dois tostões  
 ...Falsificados.

Há-os gentis com as senhoras...  
 Madrigalescos, jovens Romeus.  
 Scis deste genero apreciadoras?  
 Gentis meninas, minhas senhoras,  
 E' do que há mais, graças a Deus.

Há-os de olhares apaixonados,  
 Olhos pequenos, maliciosos,  
 Outros profundos e sombreados,  
 São luminosos  
 Endiabrados,

Uns altos, magros, outros pequenos,  
 Tipo *bijou*... temos de tudo!  
 Uns bem corados, outros morenós,  
 Outros sem côr de tanto estudo!

Há-os nutridos... bom passadio...  
 Oitenta quilos! — grandes *ladrões*!  
 Outros que bebem agua do rio  
 Nos magros caldos dessas pensões,  
 São delgadinhos como um pavio!...

Tambem os temos de olhos castanhos,  
 Pretos, azues, todas as côres,  
 Outros padrões, outros desenhos,  
 Todos bonitos e tentadores.

Uns de cabelo preto, azeviche,  
 Outros ás ondas, loiro dourado.  
 Nunca desbota! Tinto do "fixe"!  
 Artigo fino, bem procurado,

Narizes rectos ou aquilinos,  
 Respeitaveis perfis insinuantes,  
 Queixos redondos e pequeninos,  
 Atrevidos bigodes faiscentes.

Gentis meninas de olhos em braza,  
 Boquinha fresca como um botão!  
 Ei-los aqui a arrastar a áza!

Que irresistivel fascinação!  
 Daqui a um anno tudo isto casa...  
 Deitem-lhe a luva! Deitem-lhe a mão!

Mas para haver maior lealdade,  
 Eis os retratos! Toca a escolher!  
 Alguns faltaram, valha a verdade,  
 Pois não puderam comparecer.

Volvei as folhas devagarinho,  
 Devagarinho...  
 Vão apar'cer... Vão apar'cer...

\* \* \*

Muito agradecemos aos briosos quartanistas de medicina da Universidade de Coimbra o desopilante livro que nos ofertaram e que guardaremos na nossa estante em lugar de honra."

"LUNETTA" publica em primeira mão, no presente numero, dois magnificos trabalhos em prósa da lavra dos distinctos escriptores paulistas Mello Nogueira e Honorio de Sylos.

Mello Nogueira e Honorio de Sylos, que são dois nomes bastante conhecidos nas rodas intellectuaes do paiz, inscreveram-se desse modo, para gaudio nosso, no nucleo dos colaboradores de "Luneta",

LUNETTA



Tuna Acadêmica de Coimbra — A chegada em Campinas

## REPUBLICA PORTUGUEZA

1910 — 5 DE OUTUBRO — 1925

**RAÇA FORTE**

Publicando este bello artigo de José Villagelin Junior, presta "Luneta" uma homenagem sincera á colonia portugueza e á memoria d'aquelle distincto e saudoso jornalista.

Sem querer e, o que é mais, sem poder entrar nos dominios da Historia, rememorando apenas o que aprendi e o que ouvi na minha infancia, na época feliz em que o desprendimento me não fazia pensar sequer nos fios de prata velha, primeiras nevoas da velhice que começam agora a deixar tons brumosos de inverno na minha cabeça, eu pergunto d'onde veio e para onde caminha essa raça de gigantes que avassalou o mundo, que dominou os mares, e que á sombra da cruz, dilatando a fé, levou a civilização ás mais remotas paragens?

De onde veio?! Das asperezas dos Herminios, dos alcantis agrestes d'essas serranias cobertas de neve eterna, onde o gelo se não funde ao quente e bom sol de Portugal, onde castanheiros e carvalhos seculares erguem para o alto, na opulencia de seivas tonificantes os seus grandes ramos que espalham sobre o sólo as sombras frescas e confortadoras em cuja maciez os pastores adormecem envoltos na innocencia e no descuido; onde as fragas e as rochas abruptas fazem lembrar o esforço titanico empregado para a formação da terra.

Veiu de Viriato, do aguerrido pastor que subjugou e venceu as aguerridas legiões romanas, desse paladino tão grande como Cid, sonhador de uma patria que morria, quando a traição o fez cahir para todo o sempre.

Mas o sangue que a arma homicida e traícoeira fez jorrar do seu corpo, espalhando-se sobre o sólo infiltrou na terra os germens do heroismo, que mais tarde havia de esplender.

Veiu de Affonso Henriques, de Campo de Ourique e de Arcos-de-Val-de-Vez, de todas as heroicidades indomitas dos reis e dos homens da primeira

dymnastia: reis guerreiros e reis pacificos, conquistando e povoando, rechassando o mouro invasor, tomando cidades, edificando villas, semeando o sólo, fazendo nascer, fortalecer e avigorar a idéa de Patria, envolvendo a Justiça na tunica branca e transparente da verdade, fazendo della a idéa, o pharól, o guia seguro na róta para a Liberdade fulgente!

Era um povo, que vinha caldeado nas raças que habitaram a Iberia e que, tendo assimilado dos invasores rudimentos de civilização e de justiça, de arte e de sciencia, de heroicidade e de fraqueza, se lançou no convívio da humanidade, se engrandeceu pelo esforço de seus homens, dominou e conquistou e cahiu finalmente no depauperamento dos luctadores esgotados.

A sua historia assombra, o seu valor não tem limites!

Ora é a prudencia, ora é a bondade, ora é a fortaleza de animo, e sempre, sempre o amor da Patria, que o guia.

Era um povo que produziu santos, como d. Isabel e d. Fernando; santos e heróes como Nun' Alvares — bra-

ço para a espada, labios para a oração — genios como Camões, o cantor immorttal das façanhas lusitanas,

padrão seguro de que a lingua portugueza jamais se extinguirá; oradores fo-

gosc, magicos e assombrosos buriladores da palavra, como o padre Antonio Vieira, e,

na cupula, irradiante, firme e sereno como pharol de luz inapagavel, erguido na ponta extrema do promontorio de Sagres, o vulto épico, o maximo vulto da historia da civilização: — o Infante d. Henrique, perscrutando o mar sombrio e mysterioso, sondando-lhe os arcanos cheios de lendas phantasticas e más, evolando sem cessar os horrores de mortes apavorantes no seio frio das aguas, e arrancando dellas novas terras para dar ao mundo novos mundos.

A epopéa começa ao sol de Ourique, ao scintillar faiscante da espada do rei guerreiro, que ha seculos repousa sob a severa e vetusta crasta da cathedral de Braga; esplende no rei Venturoso e tomba n'aquelle dia calido de Alcacer Quibir, nesse



A tuna de Coimbra em visita á Escola Normal

Agosto de 1578, em que os areaes africanos se emberram no sangue de tantos heróes, e em que o sceptro de uma grande e gloriosa dymnastia, cahia das mãos inertes de um rapaz coroado “que queria resuscitar Portugal pelo heroismo, fazer da Patria a cabeça do mundo reconquistado para a Fé”.

Dos escombros, do desbarato tetrico surge o messianismo, e a alma nacional angustiada, por entre estremeções de dôr indefinivel contempla essa figura apagada do cardeal d. Henrique, tropego e velho, que nem uma esperança fugaz podia resumir e que significava morte irremediavel.

Das mãos ardentes de um moço viril que o heroismo mal aconselhado tresloucara, a realeza passava ás mãos tremulas de um velho a dois passos do tumulo, que seria ao mesmo tempo a cóva de um rei e de uma nacionalidade.

Da situação angustiosa que a traição tornára mais horrivel surgiu o desvairamento que dominou a alma da nação contemplando semi-louca a Patria a morrer n'uma agonia dilacerante. E, quando as hostes do duque d'Alba, vencedoras no fragil encontro da ponte de Alcantara, invadiram Portugal, a alma do povo concentrava-se e ia adormecer sobre as paginas dos

Luziadas — Evangelho do qual, sessenta annos além,

ao fim de uma opressão esmagadora em

que o jugo hespanhol doia

menos talvez

do que a traição de muitos

portuguezes,

devia irradiar a Alleluia santa da Resurreição.

A independencia, firmada seculos antes

em Aljubarrota, ia ter novo echo em 1640. A alma do povo esvoaçava sem

cessar em torno aos fastos dos descobrimentos: o mar beijando as

plagas luzitanas, cantava o hymno sagrado da epopéa nacional em que o grande vate encarnára o mysterio da transubstanciação da liberdade portugueza.

Tudo se perdera n'essa jornada infeliz de Africa; a propria vida fôra acorrentada, e os descendentes dos heroes da Asia, da Africa, da America e da Oceania, entregaram inermes os pulsos ás ferreas algemas do despotismo.

A India fora a gloria cujo occaso se deu em Alcacer Quibir. Durante esse lapso de tempo Portugal olvidara por completo as palavras do cego genial, architecto da epopéa de marmore que se chama mosteiro da Batalha, quando altivamente dizia ao forte D. João I, que a corôa que cingia fôra

collocada em sua fronte por espadas onde se lia ao rutilo do sól da gloria: — “Os vassallos portuguezes são livres!...”

Um caminho obscuro e tortuoso se abria agora: — de 1580 a 1640 a nacionalidade portugueza geme sob o dominio dos Philippes; perdem-se colonias que vão engrandecer os dominios da Inglaterra e da Hollanda; o sól da gloria morre num occaso pallido e tem sua ultima e corruscante scintillação em 1.º de Dezembro: — Portugal libertado pelo esforço dos conjurados graças á podridão que se estendia pela côrte de Castella.

O patriotismo dos redemidos pôde bem concretisar-se no estoicismo das mulheres portuguezas, que semelhando abnegadas matronas romanas, mandam que seus filhos vão morrer no campo de batalha, onde mais accesa seja a peleja.

A Restauração foi um lampejo rapido de vitalidade; a ruina precipita-se logo e impossivel foi deter os escombros que tudo iam solapar.

Era inevitavel o cataclysmo; a forte raça achava-se esgotada, concluiu a sua missão civilisadora e o atrophamento começou a descer como lava assoladora dos degraus dourados do throno para as ruas onde a população se agitava n'uma quasi inconsciencia, no servilismo a que os Braganças a haviam acorrentado.

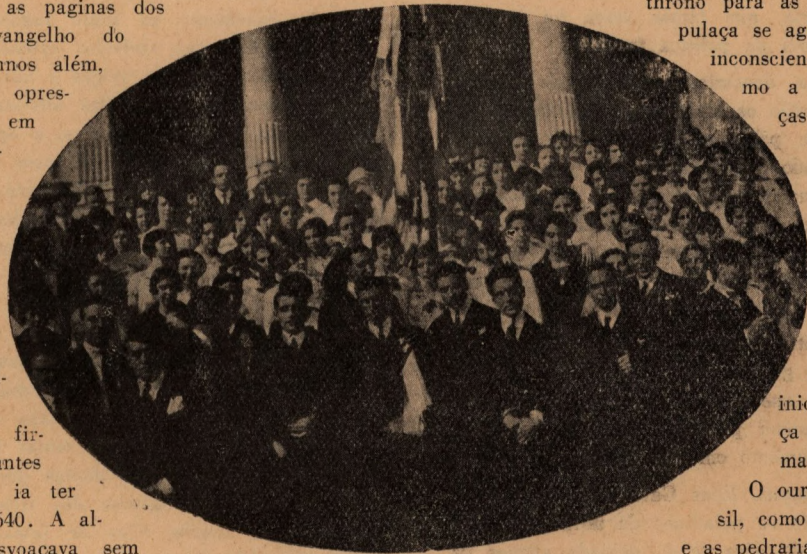
E os annos passaram, foram correndo na cadeia do tempo, morosos, por entre bocejos e espreguiçamentos: — inicio da indifferença que cahiu na alma popular.

O ouro que ia do Brasil, como o ouro, as sedas e as pedrarias que haviam ido da India, despertava o appetite dos grandes, fez renascer o reinado da bacchanal e do desperdicio em festas pomposas, em regios presentes, mas a grande massa, a massa dos minusculos continuava inerte, debatia-se na miseria. Do Minho ao Guadiana, cinco milhões de homens resignados tornaram-se burros de carga, bestas de nóra aguentando pauladas e vergonhas sem uma agitação, sem um convulsionar.

Vivia-se á sombra do passado cahira-se no fatalismo cégo e indolente!

Appellava-se para os feitos dos maiores como querendo que as sombras dos heroes mortos dessem aos dias que corriam toda a grandeza que fizera do Portugal cavalheiresco a primeira potencia do mundo.

E foi assim que em pleno seculo XIX, ao



Grupo de alumnas e academicos na Escola Normal



riar do século XX, aquelle recanto do occidente da Europa d'onde haviam partido ondas civilisadoras para todos os pontos do universo, se mantinha quasi divorciado da civilisação.

O analfabetismo estendia seus tentaculos por sobre as classes proletarias; nas aldeias remotas, nos pobres logarejos affastados, desdobrava-se a vida patriachal dos nucleos arredados da sociedade, e sómente a bôa alma portugueza ficara sob os alcabouços d'esses homens que um dia haviam de rugir feitos leões raivosos, saccudindo a frente, arremessando para longe os grilhões que manietavam os pulsos e a vontade, tornados manequins dos cabos eleitoraes ao serviço dos governos que se succediam ronceiramente na engrenagem ronqueira do rotativismo monarchico.

Em 1820, após a calamidade da invasão franceza, que enervou a covardia da familia real, obrigando-a a fugir para o Rio de Janeiro protegida pelos canhões inglezes; no dominio de Beresford, o despotico general britannico, a liberdade tivera um martyr: — Gomes Freire de Andrade, que praticara o grande crime de querer a Patria livre, e sómente annos depois, com D. Pedro, o rei soldado, um pequeno mas valoroso exercito, após Evora Monte, conquistava essa Carta, que tantas vezes foi rasgada, mercê dos interesses da politica facciosa.

Essa politica, denominada *politica de osso*, ia minando com lentidão os alicerces da monarchia, amparada unicamente pelas ambições dos grupos que disputavam o mando, separando-se cada vez mais da grande massa anonyma, chamada Povo. E' n'essa atmospheria que surgeto o partido republicano, mal coheso de começo, movendo-se ás palpadelas, mas conquistando, dia a dia, o terreno sobre o qual deveria, emfim, dominar.

As luctas contra o absolutismo synthetizado em d. Miguel, tinham gerado um nucleo de liberaes que avançavam sempre, que não podiam deter-se nos limites de um programma politico porque a Liberdade acompanha o pensamento em sua evolução.

Marreca, Fontana, Elias Garcia, Latino Coelho, José Falcão, — são os paladinos da nova idéa, mas cahem na mudez da cóva tendo deixado apenas os embryões, que vontades tenazes fariam fructificar depois de luctas cruentas, de persiguições sem nome em que até a propria honra era espesinhada.

E, quando o partido republicano se robustece, quando sahe das cidades para se estender pelas villas e pelas aldeias, a monarchia vê bem nitidamente os clarões do vulcão apavorante.

E então chamado ao poder o conselheiro João Franco, que começou mostrando-se o que sempre fôra: — um liberal. O estadista, porém, n'um lance comprehendeu o perigo e viu que, para salvar a monarchia esphacelada por toda a sôrte de desmandos era necessario ir ao extremo: — á reacção.

Para grandes males, remedios extremos, pensou elle, certamente. Resultado: — o regicidio.

A derrocada depois é vertiginosa. Em torno de d. Manuel II — o Desventuroso — a tormenta principia a ulular sinistra, apavorante, ennegrece os horizontes e tolda por completo o sól da realza.

Termina o dominio dos Braganças e, para o ultimo representante da casa privilegiada que durante quasi tres seculos occupara o throno, abria-se o caminho áspero do exilio emquanto que, vibrantes e patrioticas, em todo o Portugal emfim liberato, se ouviam as notas da *Portugueza* n'uma aurora esplendorosa de redempção!

A' historia e não a mim, compete lançar clarões de luz sobre a agonia de um throno e sobre o vigor da republica, que caminha altiva para as conquistas do amanhã.

Eu tenho fé segura no futuro, como acredito que nada morre e que a evolução é eterna.

Terras lindas de Portugal, hei-de sentil-as ainda prosperas e felizes!

Prosperas na abundancia das searas loiras ondulado docemente ao sopro fagueiro das virações da Liberdade; nos vinhedos extensos medrando em terras de fartura; nas veigas e nas campinas verdes onde margaridas e papoilas silvestres deixarão, na luxurias de suas cores meigas, a opulencia de mantos de rajah; prosperas sob esse céu tão formoso e tão azul, que prende os olhos em extasis suaves e que leva a alma a pairar por sobre os campos da phantasia louca; prosperas na ventura das velhas aldeias rejuvenecidas para a lucta, na vida errante do pastor quebrando o silencio das serras com cantigas saudosas á noiva que ficou no valle, ou ao sól que morre na nostalgia do seu calor radioso; no cantar de um sino; na brancura dos casaes deixando nodos alvadias nos giestaes ricos sob o peso de suas flores de ouro; no trinar suave dos rouxinões nas balseiras e nas moitas por noites enluaradas; no correr vertiginoso dos trens de ferro lançando ao ár-negros rôlos de fumaça, nas fabricas cheias de vida intensa, nos portos onde navios serão conductores das riquezas que entram e que saem; prosperas, finalmente, na atmospheria bemdita das escolas, onde pequenos cerebros infantis começarão a embeber-se na luz triumphal que a Liberdade fará jorrar sobre a terra portugueza.

Hei de sentil-as felizes, porque a fraternidade humana ha de deixar de ser um mytho, para reunir no mesmo laço de amor e de carinho os povos do universo inteiro.

E essa fraternidade que levou o Brasil, primeiro que nenhum outro paiz, a reconhecer a Republica Portugueza logo nos primeiros dias da sua jornada victoriosa, vejo-a eu unindo fortemente as almas e os corações de duas republicas para todo o sempre unidas.

Que seja ella a portadora da grande paz serena, que suas bandeiras symbolisarão, quer drapejando sobre os mares onde uma dellas se estendeu como rainha dominadora no periodo homerico dos descobrimentos e das conquistas; quer fluctuando calma e olympica, como a outra, por sobre o Palacio de Haya, synthetizando no verde e no amarello immaculado a Defeza dos opprimidos, o Direito, a Justiça, o amor: — fontes perennes de todas as grandezas e de todos os progressos!

Campinas.

JOSE VILLAGELIN JUNIOR.

FOI ha um anno, por uma clara manhã de domingo, que o pequeno jornal da cidade onde eu vivia espalhou sobre minha alma esta noticia triste: — Gelasio Pimenta morreu!

Os sinos cantavam na torre da Matriz. E ao redór de mim, as paredes pobres de meu quarto, os meus livros bons, as arvores melancolicas do quintal visinho que a janella mostrava, tudo parecia repetir, como um sujeito de mãos instinctos, a noticia triste.

Um casal de andorinhas voava pelo céu azul e distante. Olhei-o. Meus olhos estavam humidos. Talvez, devido á claridade fórte daquella manhã de domingo... Talvez...

H.

## PEQUENA ANTHOLOGIA

Dando a Rodrigues de Abreu a primeira pagina desta "Pequena Anthologia", presta "Luneta" uma homenagem leal ao poeta admiravel que creou os versos lindos desse livro lindo: "A sala dos passos perdidos".

### "AS CIGARRAS

I

As cigarras estão cantando na tarde calma;  
e a minha alma tão triste está lembrando,  
e a tristeza soluça na minha alma.

A tortura maior da minha vida ligou-se para sempre a esses Schumanns dos ares: na tarde calma, quando as cigarras cantam, commovida e lindamente, os seus cantares, a amargura vai crescendo na minha alma.

II

O Sol, num grande gesto, abençoava o mundo, doirando o milharal e as cristas das montanhas... Eu sentia na tarde um anseio profundo: agitavam a tarde azul forças extranhas. Ouvia-se o regato tristemente, lentamente, ao volver as aguas, soluçando; as aguas têm de certo alma igual á da gente, ou melhor, porque estão quasi sempre chorando...

E o vento ergueu as folhas amarellas, o regato chorou muito mais fundo, e romperam num côro estridulo e profundo os grandes poetas, as cigarras tagarellas... Errava pelo espaço o incomprehensível canto, e as coisas extasiava essa extranha harmonia, quando entrou em minha casa a morte longa e fria, e eu comecei a ler pelo livro do Pranto.

III

As cigarras estão na tarde azul cantando, e o desespero está na minha alma chorando...

Quando as cigarras punham no ar essa harmonia, linda e santa, mamãe, côr de cêra, morria!"

### VINHETA INGENUA

A noite vinha correndo atraz da tarde. A tarde fugia, apressada. Tinha as faces muito vermelhas, lá para os lados do poente... Suava, até, uma garôa fina... Um ventinho moleque assobiava aos ouvidos das arvores da praça, que tremiam... coitadinhas! O sól, como um avô somnolento, fechava, paciente, as portas de seu quarto de dormir...

Andersen sorriria ao vêr um quadro tão ingenuo assim.

Mas, como um commentario sem espirito, passavam pela tarde que morria, homens e mulheres enrolados em agasalhos de bom preço.

ENZO.

HELI Menegale, o poeta admiravel do "Azul", vai publicar dentro em breve dois livros lindos, cheios de fina sensibilidade. E para contentamento nosso, Heli Menegale prometeu á "Luneta" a sua collaboraçãõ permanente, iniciando-a no presente numero com um bello soneto, onde scintillam uma grande alma e um grande talento.

**APOIADOS** pela sympathia geral da Nação, são candidatos á presidencia e vice-presidencia da Republica, para o proximo quatriennio, os doutores Washington Luis Pereira de Sousa e Fernando de Mello Vianna.

## CAXAMBÚ

Brevemente será inaugurada uma excellente estrada de rodagem, ligando esta cidade a todas as demais Estações de aguas mineraes e outras importantes localidades do Sul de Minas.

Acha-se á frente da administração deste importante municipio o respeitav-l e operoso Prefeito, sr. dr. Joaquim Figueiredo da Costa Cruz, de cuja acção proficua muito se espera, para efficazes melhoramentos nos nossos districtos e embelezamento desta cidade, de modo a tornal-a digna de hospedar os veranistas que nos honram annualmente com a sua visita.

\* \* \*

Repercutiram aqui as manifestações de jubilo occorridas na cidade de Baependy, pela solemne posse dada ao 1.º escrivão de notas, sr. José de Figueiredo Torres.

Parte integrante da comarca, este municipio não pode silenciar ante esse facto, que vem de assinalar mais um acto de verdadeira justiça do eminente e popularissimo Presidente do Estado, exmo. sr. dr. Mello Vianna, nomeando para aquelle Officio de Justiça um estimadissimo patricio, de illibada conducta, talentoso e trabalhador, membro de importante e numerosa familia, cujos antecedentes vêm honrando o fóro de Minas desde 1842, como consta dos seus annaes, em referencias ás Comarcas de Itabira do Matto Dentro, Baependy e outras.

(Do nosso correspondente.)

## ASTROS LONGINQUOS

O astronomo americano Shanley acaba de avaliar a distancia que separa a terra da nebulosa numero 6.822 do Catalogo de Dreyer.

Essa nebulosa é um conglomerado de estrellas, uma como miniatura da grande nebulosa de Magalhães.

O sr. Shanley admite que suas dimensões e sua constituição são as mesmas dessa e deduz que a distancia da nebulosa 6.822 á terra é igual á que necessita a luz para caminhar em um milhão de annos!

A tal nebulosa é a mais distante até hoje observada e foi descoberta ha uns quarenta annos.

## ORPHEON PIRACICABANO

Vamos ter mais uma vez o prazer de ouvir o *Orphon Piracicabano*, que virá a esta cidade, no dia 12 do corrente, dar um concerto nos salões do Club Semanal de Cultura Artistica, em homenagem a Campinas, berço de Carlos Gomes.

Ainda guardamos saudosos a lembrança do seu magnifico festival, realizado no Centro de Sciencias, Letras e Artes, quando da sua primeira visita.

O *Orpheon* é constituído de 48 figuras, assim distribuidas: — 12 sopranos, 12 contraltos, 12 tenores e 12 baixos.

No proximo numero "Luneta" publicará a noticia do concerto acompanhada de reportagem photographica.

— Você quando publica o seu livro de versos?

— Brevemente; mas o primeiro milheiro será logo considerado segunda edição. A primeira são os originaes.

No proximo numero iniciaremos uma desenvolvida secção bibliographica, com a critica dos livros que nos forem enviados, a cargo de um escriptor competente e honesto.

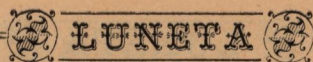
— O sr. leu o seu romance para alguém ouvir?

— Não!

— Por que motivo então está com o olho amarrutado?

**MENOTTI** Del Picchia e Cassiano Ricardo, os dois grandes poetas que chefiam o movimento sensato de renovação artistica, em S. Paulo, publicarão dentro de breves dias dois livros magnificos, onde scintillam um personalismo sadio, uma arte nóva e um grande cunho nacionalista.

São desses livros lindos, os versos inéditos que "Luneta" offerece hoje aos leitores.



## OS NOSSOS COLLEGIOS



### INSTITUTO CESARIO MOTTA

Fundado em 2 de Julho de 1911, por um grupo de professores, este estabelecimento instructivo, não obstante as difficuldades que surgem continuamente, tem offerecido innumeras vantagens sobre os congeneres, especializando-se na solidez do ensino ministrado, mórmente nos ultimos tres annos, passando o mesmo a ser dirigido pelo esforçado e já conhecido educador, Sr. Mario de França Carmargo.

Os resultados obtidos têm correspondido satisfactoriamente ás expectativas dos interessados, o que comprovam as estatisticas publicadas annualmente, com referencia aos exames prestados no Gymnasio do Estado.

O corpo docente, prima pela sua cultura intellectual e moral constando, na sua maioria de lentes do Gymnasio, que não poupam sacrificios para o engrandecimento do Instituto e aproveitamento dos jovens que forem confiados á sua direcção, no cultivo das sciencias,

A instrucção militar, aos maiores de 16 annos, está sob a responsabilidade do Sr. Antonio Salles Vidal, 1.º sargento do exercito, que se esmera em a formação dos futuros defensores da Patria.

Referindo-nos ao predio em que o mesmo funciona, podemos affirmar que suas acomodações são amplas e hygienicas, offerecendo todo o conforto aos alumnos.

—○—

**T**HERMAS de Lindoya, essa admiravel estancia de saúde, que é um dos justos orgulhos dos paulistas, assistio, ha dias, á inauguração de um novo e magestoso hotel, mandado construir, ricamente, pelo seu proprietario, dr. Francisco Tozzi, espirito lúcido de medico e patrióta. A essa inauguração, que se converteu numa festa cheia de vida e de encanto, compareceu grande numero de familias do Rio, de S. Paulo e das cidades visinhas.

## ESPORTES

**FUTEBOL** — Como os leitores verão através dos clichés que “Luneta” estampa no presente numero, foi emocionante a partida de futebol que se realizou ha dias, nesta localidade, entre o Guarany, local e o America F. C., do Rio de Janeiro. Só o numero elevado de assistentes e torcedores que a ella compareceu basta para provar-lhe o valor.

E o jogo foi, de facto, digno de registo. Embora não sendo campeão da cidade, o valoroso “Guarany” oppoz franca e notoria resistencia ao antagonista, que é um dos mais bellos gremios esportivos da Capital do paiz.

O resultado, apesar da pessima actuação do cavalheiro que servio de juiz nessa partida, foi francamente honroso para os esportistas campineiros. E’ que o America só conseguiu vencer o quadro local por 2 a 1.

**PEDESTRIANISMO** — A respeito do circuito de Campinas levado a termo por diversos esportistas desta cidade e sobre o qual são publicados neste numero alguns clichés, transcrevemos do “Diario do Povo”, local, as notas seguintes :

“Conforme temos noticiado, realizou-se nesta cidade, a esperada prova de pedestrianismo promovida pelo Clube Campineiro de Regatas e Natação e patrocinada pela Federação Paulista de Athletismo.

A exemplo da competição, que annualmente se realiza na capital do Estado, com a denominação de “Prova classica Estadinho”, o circuito de Campinas, foi corrido num per-

curso fechado, dando-se a partida nas proximidades do Estadio do Guarany, e a chegada na pista do campo desse clube, em frente ás archibancadas.

A interessante prova, constante de uma corrida de 10 kilometros, em volta da cidade, despertou, como era previsto, um grande interesse entre a população local. Campinas apresentava domingo ultimo, um desusado movimento, com a chegada de grande numero de esportistas, não só da capital, como de numerosas outras cidades do interior. Iam alguns participar do grande certamen esportivo que aqui se realizava, outros para assistil-o apenas.

O comboio que conduziu de São Paulo os concorrentes, juizes e os directores da Federação Paulista de Athletismo, trazia tambem representantes de diversos clubes interessados na prova.

Os excursionistas foram recebidos na estação por diversos socios do Clube Campineiro, pelo arbitro da prova, dr. Arne Ragnar Enge e varias outras pessoas, dirigindo-se, após, para o “Hotel Pinheiro”, onde os atletas se uniformizaram, afim de seguir para o local de inicio da corrida.

**A CORRIDA**

A sahida foi ás 10,37 1/2 horas, na avenida Barão de Itapura, esquina da rua José Paulino.

Logo á sahida ficaram á frente : Alfredo Gomes, Heitor Blasi, Benedicto Antonio e Benedicto Guimarães.



Jogo Guarany vs. America — Dois trechos da assistencia

ÉCHOS DO JOGO GUARANY x AMERICA



O quadro do Guarany Futebol Club



O quadro do America Futebol Club

Ao virar a rua dr. Ricardo, rumo á Villa Industrial, Blasi e Benedicto Guimarães estão a pequena distancia na frente e começam a se adeantar.

Na rua dr. Pereira Lima, esquina com a Salles de Oliveira, estão na dianteira : Blasi, Ernesto Todaro, Antonio Soares e Alfredo Gomes, isto é, aos 10 minutos após a sahida.

Na Avenida João Jorge, Benedicto Gui-

marães (Machininha), colloca-se em 2.º lugar, ficando então a seguinte collocação : Blasi, Machininha, Ernesto Todaro, Antonio Soares e Alfredo Gomes, que iam á frente do resto dos corredores.

Na avenida Ipiranga : Alfredo Gomes e Gilio Crevatim avançam com lentidão, tendo então a seguinte collocação : Blasi, Alfredo

## A VOLTA DE CAMPINAS



1. A partida dos concorrentes — 2. A turma dos corredores campineiros  
3. Club Regatas Tieté — 4. Avulsos — 5. Club Esperia — 6. Ribeirão Preto,

Gomes, Ernesto Todaro, Gilio Crevatin e Antonio Alexandre.

Na rua Coronel Quirino, esquina com a Moraes Salles, estavam na frente: Blasi, Machininha, Todaro e Gomes e em frente ao Tennis Clube Blasi, Paulo Pellegrino, Machininha, Todaro e Gomes, sendo que Blasi estava a 200 metros na frente de Machininha.

Na avenida Barão de Itapura, esquina com a Jorge Krug, estava na dianteira: Blasi, seguindo no seu encalço, a 150 metros, por Antonio Soares, depois por Paulo Pellegrino, Machininha e Matheus Marcondes e logo após mantem-se elles nesta collocação até a chegada: Blasi, Todaro, Guimarães, Pellegrino e Matheus Marcondes.

Blasi, que chegou em primeiro logar com uma dianteira de 120 metros, deu uma magnifica entrada, que lhe valeu prolongadas acclamações da grande assistencia que estacionava no Estadio do Guarany.

## O VENCEDOR

Heitor Blasi é um athleta de estatura pequena, passo desenvolvido, e de uma resistencia superior. Foi vencedor da prova classica "Estadinho" na Capital, neste anno:

Venceu a prova com facilidade, pois na metade do percurso firmou-se na vanguarda e quando faltavam ainda 2 kilometros, a victoria de Blasi já parecia nitida, pois, distanciado como se achava, estava com um passo firme, sem demonstrar fraqueza.

O 2.º collocado, Ernesto Todaro, do Tieté, apesar de veterano, mostrou que ainda está apto para novas conquistas.

Dos campineiros, o primeiro collocado foi José Fernandes Novo, que fez optima corrida. Augusto Bruno, que ainda não se achava são da perna, fez esforço para terminar o percurso.

Os corredores de Ribeirão Preto apesar de não terem obtido boa collocação, fizeram boa corrida, demonstrando bastante energia."

## DE VICTOR VAL

O Fabio é um fantasista.

A fantasia transborda quando fala nos filhos.

Fico, não raro, a ouvi-lo com enternecimento pela sua alma affectiva de pae e pasmo com a sua maluquice.

Tem tres herdeiros.

Fanny, dez annos. Morena, olhos pretos, lindo sorriso. Interesse notavel pela cozinha. Já sabe fazer pão de ló, suspiros e auxilia o conzinheiro, por mais que a reprehendam.

O Emilio é o segundo, com metade da idade da irmã. Sabe versos da folhinha, conta historias e recita:

— Eu tenho um gatinho chamado Setim...

O terceiro é o Edgar. Dois annos. Percebe-se-lhe a grande vivacidade, mas ainda não fala.

Hontem estive em casa do Fabio.

As crianças appareceram logo.

— Esta, meu Victor Val, será pianista brilhante, uma Antonieta Rudge!

A professora é velhinha que conheço muito bem, e para a qual ponto, contra-ponto, fuga, são ballelas...

Fanny vae para o piano. Esmigalha, mãe, a *Supplica de uma virgem*.

E o pae:

— E' um assombro esta criança!

Veiu o Emilio.

— Este será banqueiro! Joga com os numeros de maneira surpreendente. E, antegosando o exito da prova:

— Você, meu filho, tem duas laranjas. Dá essas duas laranjas. Com quantas laranjas você fica?

E o petiz, fulminantemente:

— Com 7!

Chega a vez do Edgar, do que não fala.

— Este, poeta. Tem a intuição do verso. Disse-lhe um dia a brincar: Quem não fala, não faz versos. Sacudiu a cabeça a dizer que sim, que poderia e collocou o *tinteiro* ao lado do *cinzeiro*, dois objectos com nomes que rimam. Fiquei encantado! Mais tarde, ao almoço, renovei a experiencia. O pequeno poz o *pão* ao lado do *macarrão*, o *galheteiro* junto ao *assucareiro*. Quer ver?

E o Fabio repetiu o pedido, e o Edgar péga o guardanapo e mette-o em cima do vinho.

E o meu amigo, triumphante:

— Vê — *vinho* e... *linho*! O guardanapo é de lino. O rapaz já sabe fazer hyperboles e metaphoras!



# Automobilismo



FORDINHO



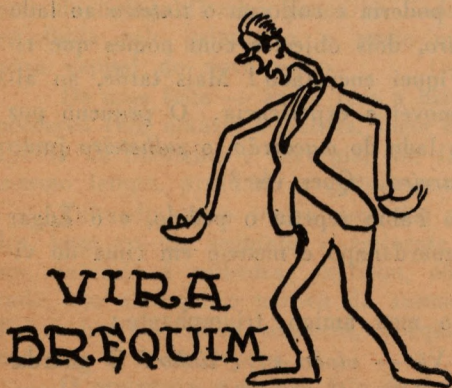
RODA BALÃO



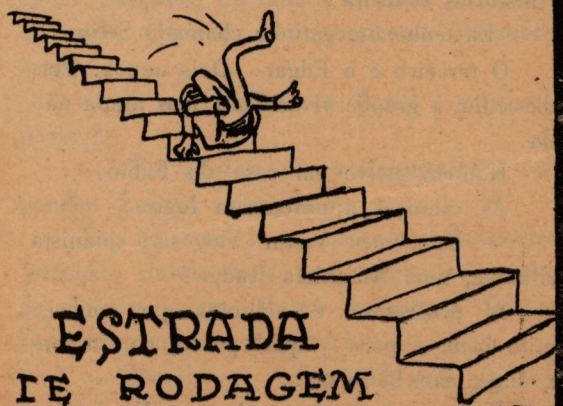
DIRECÇÃO



GAZOLINA



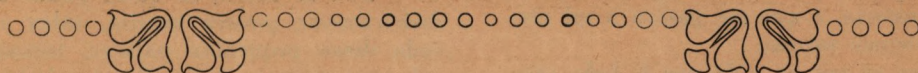
VIRA  
BREQUIM



ESTRADA  
E RODAGEM

XYKS

## PAGINA DAS LEITORAS



## O primeiro pedido

Moças. “Luneta” quer, e por isso vos péde, o apoio da vossa graça, o estímulo da vossa bondade e a collaboração do vosso talento. Para isso ella colloca em vossas mãos esta pagina, onde podereis contar as vossas confidencias, dizer dos vossos ideaes. Esta pagina será o vosso ementario artistico e sentimental. Aceitae-a, moças de Campinas, com o melhor dos vossos sorrisos.

De Hildebrando Siqueira

Ah! as mulheres... Peores do que ellas, só os homens...

\* \* \*

De Alvaro Moreyra

— Quando?  
— Depois...  
— Ah os adverbios de tempo!...

\* \* \*

De Ribeiro Couto

A mulher, para nós, é a inimiga suprema. Que doçura pousar o pensamento nella, no silencio do quarto, escrevendo um poema... Mas... que esterilidade olhar uma janella!

\* \* \*

## A MULHER

*Belmiro Braga*

— E' de Deus a obra mais bella, segundo os calculos meus, razão porque penso em Deus, toda a vez que penso n'Ella.

\* \* \*

De Herminio Lobo

A mulher é um mal necessario.

\* \* \*

De Macedo

O amor é a paixão das inconsequencias e dos absurdos.

## SERENATA

Noite linda. Céu puro! Ha estrelas a sorrir  
Sob o manto da lua, umbrastico, argentino!  
— São perolas de luz, são beldades de Ofir,  
De mãos-postas rezando um Canticus-Divino.

Adejante, lascivo, em l-pidos passinhos,  
Pelos caramancheis d'Olympico jardim,  
Um vulto feminino corre a ouvir uns fadinhos  
Que extra-muros alguém, tange num bandolim.

Aproxima-se; escuta uns trinados macios,  
Depois... soltando um ai, depois... soltando um riso,  
Acorda um trovador nos retesados fios  
D'uma escada suspensa aquelle paraíso!...

Falam-se os dois baixinho... em mil brandas caricias,  
Num murmúrio de voz tão doce e tão subtil,  
Que eu sonho-me emballado nas mellicas delicias  
Davesinhas cantando aos sorrisos d'Abril.

Depois n'um tom mais vivo: “Adeus! adeus! adeus!”  
“Adeus, oh minha amada, oh meu anjo do Bem,  
“Nunca deixes d'amar a quem és mais que Deus,  
“Nunca deixes de querer a quem te quer também...”

E ofelico, ridente, um beijo luminoso  
Sorriu—filho do amôr—nos rubros labios d'ambos  
E foi, numa ballada, em volutas de gôso  
Cantando, espaço fora, ardentes ditirambos...

Depois outro, e mais outro... e as faces brilham fogo,  
A lua pára meiga a fital-os sorrindo...  
Ha promessas d'amôr em louco desfâgo,  
E num languido olhar apartam-se fugindo...

MANUEL BARRADAS.

## AMOR

*(Dedicado á Annita)*

Quem será que póde definir o amôr?  
Existirá elle realmente? Essa cousa adoravel,  
que descrevem tão bella, essa cousa doce-amarga,  
que nos dá alegrias e dissabores, risos e prantos,  
esperanças e tormentos!?

Amôr!... Amôr!... Se és um bem roubado aos Céus, por que dás tanto receios, lagrimas, desconfiança e insomnia? Se és um mal, que por castigo desceu nesta terra, por que tens tantos sorrisos, tanta meiguice e esperança? E's vida ou morte? Se és vida, por

que trazes o gelo da morte? Se és morte, por que dás á vida tanto encanto?

Dou a palavra a uma colleguinha muito pratica na materia, e que me passou a tal respeito um solemne sermão:

— Uma só vez na vida nos é dado provar o amôr, difficilmente duas; mas todas temos que saboreal-o, umas mais cedo, outras mais tarde.

Podemos tambem facilmente cahir em engano, julgando amôr uma simples sympathy, uma simples admiração da belleza physica e, ai de nós! si não percebermos a tempo que isso está bem longe do outro sentimento, porque, unindo nossa existencia á de um homem que só julgamos amar mais tarde, percebendo o engano, seriamos infelizes, muito infelizes... a menor cousa nos irritaria, o menor defeito assumiria vastas proporções... Só o amôr com seus olhos vedados é que dá a perfeição, a belleza... só elle tudo faz esquecer... perdoar... Sente-se o ente amado em toda nossa alma, no coração, no cerebro, sempre, constantemente, não podemos deixal-o um só instante, está em todo nosso Eu. E' uma dedicação infinita, um bem indescriptivel que lhe tributamos; vendo-o, percebendo que seus carinhos, seus olhares são para nós, para nós só, uma onda harmoniosa, suave de alegria banha nossa alma, sentindo a immensa felicidade de viver!... Oh! mas, si a nuvem negra do infortunio nos persegue, conhecemos, então, todos os horrores, todos os martyrios!... Como a estatua da dôr, assistiremos a espectaculos que despedaçam o coração: o amôr que fenece; a quáda de todos nossos castellos,

o nosso sonho dourado que foge... que se evapora...

Oh! E' inutil, só quem pode amar verdadeiramente poderá avaliar, saber o significado dessa pequenina palavra, incompreensivel para muitos, insignificante, irrisoria para todos aquelles que ainda não foram feridos pela setta doce-amarga do poderoso Cupido... essa setta saberá alcançar todos, não receie... quem mais cedo... quem mais tarde...

Da constante leitora muito amiga

NEGRITA.

\* \* \*

“O homem é aquella criação divina, que nós mulheres modernas vivemos accusando e diminuindo eternamente, porém, buscando-o sempre e achando a vida muito sem graça quando nos falta este ente tão desprezivel... mas... sempre procurado!!!”

Caxambú, 1925.

CESIA.

\* \* \*

O homem é um ente, forte, audaz, capaz de vencer todos os impecilhos e difficuldades da vida. Porém, existe um poder mysterioso que o torna fraco e vencido. E' quando ama verdadeiramente... uma mulher!

ANGELICA.

\* \* \*

Que penso do homem, sr. Redactor de “Luneta”? Nem é bom pensar...

M.

## De Rabindranath Tagore

Eu estava cansado e somnolento no meu leito preguiçoso, imaginando que todo o trabalho cessára. E de manhã, levantando-me, encontrei o meu jardim cheio de flores maravilhosas.

—

— Ave Maria! cheia de graça... E as palavras do archanjo, ditas a millenios, vão se perpetuando. Aprendemol-as quando crianças, á beira de uma cama ou nos primeiros bancos da classe. Decoramos apenas. Sem raciocinio, ellas ficam na memoria como palavras lindas de uma imagem santa...

No cyclo da vida, uma contingencia

muito humana, deixamos de repetil-a. E' que o scenario do mundo nos empolga e nos domina.

Depois, vem a velhice. Vem a Dôr, vem o Isolamento, vem o Soffrimento. E, sózinhos, abandonados, olhando as ruinas da vida, que se desmorona, tornamos a repetil-as.

Vem, na saudade do tempo que passou, um profundo arrependimento.

E, como crianças, rezamos de novo...

—

— A Suissa agora anda ás voltas com os habitantes de leste que andam á moda de Adão e Eva.

— Não admira. Como paiz, a Suissa sempre foi considerada um paraíso.

# "LUNETTA"

REVISTA DE ARTES, LETRAS, SOCIEDADE E BOM HUMOR

Grande reportagem photographica

Redacção e Administração: Rua Ferreira Penteados N. 220

CAMPINAS

Redactor: HILOBRANDO SIQUEIRA  Director-Proprietario: ANTONIO ROSA

ASSIGNATURAS:

Anno . . . 15\$000 Trimestre . . 4\$000

# CHAPÉUS!... CHAPÉUS!...

Não ha elegancia  
em chapéus que se compare aos lindos typos

**RAMENZONE e**  
**PINTO VILLELA**

A LOJA AO PONTO, depositaria nesta cidade  
destes dois typos, venderá durante este mez  
ao PREÇO DA FABRICA.

# A NOTA,

em Campinas,  
tem sido,  
é  
e será dada sempre  
pela

## LOJA SYRIA

Os preços mais baixos  
As qualidades mais elevadas

49 — R. GLYCERIO

581 — TELEPHONE

CAMPINAS

(Entre os largos do Rosario e da Cathedral).